

REVISTA

Boletim:

Pineoteca de Estado - n° 28

Data:

novem. 1983

Local: S

São Paulo

Título:

Dez Anos Sem Serpa (Destaque de mês)

Autor:

Laurenço, Maria Cecília Franca

Notas:

Biografia: Gouveia, Rita

Capa ilust. água forte Ivan Serpa

RJ - Nov. 1983

Autor: Carly Moore Portella

IVAN FERREIRA SERPA

Um dos maiores artistas de sua época. Um grande orientador das artes plásticas e um humanista. Um humanista que não fazia discursos e um artista que não carregava o ranço da vaidade.

Artista simples e orientador interessado em informar, fazer o aluno questionar, pesquisar, acreditar e lutar pelo que queria fazer.

No Centro de Pesquisa de Arte, em Ipanema, éramos 25 e o trabalho, a análise crítica da produção semanal de cada um. Na aula não importava se tínhamos problemas ou não. Ele queria apenas que cada um trabalhasse muito naquilo a que se propôs. Imparcial nos julgamentos, não tinha preferências. O melhor era aquele que mais produzia, que questionava, que levava a sério sua tarefa de aprendiz da arte.

Fora do horário dos debates, lá estava o homem, o ser humano amigo, disposto a ajudar. Interessado em atender cada um nos seus problemas reais e individuais. Disponível, apesar de muito ocupado, deixava a gente falar sem a pressa dos que se julgam superiores.

Na relação com as crianças, um comportamento idêntico. Respeitando a individualidade de cada um, Ivan levava a criança de encontro a seus recursos naturais. Evitando a todo custo a intervenção dos adultos, ele ajudava a meninada a descobrir dentro de si, as forças da criação, sua riqueza temática. Através do estímulo e companherismo, ele as ajudava a crescer, a compreender o sentido das coisas, a interação com a vida.

Em sua obra, o que mais impressiona é a fibra do profissional. Sua meta maior era inovar sempre, fazer pensar. Nos trabalhos de caráter formal e informal, nos geométricos ou lineares, a gente sente que ele vai ao fundo das coisas. Depois, se situando no ponto, ele caminha com as linhas e encontra a forma. Forma que ganha encanto e magia. Mesmo nos desenhos mais figurati-

vos, como "mulher e bicho" e "fase erótica" e mais tarde, na "geomântica", Ivan chega ao mistério maior do percurso da linha, ao ponto máximo da forma, chega de novo, numa eterna mutação, ao seu ponto de origem: o Cosmos.

" Seu estilo foi antes de tudo a variação de estilos, a luta contra a academização de modos bem sucedidos de criar " Jayme Maurício

Ele tinha sempre um motivo forte para mudar. Se na "fase negra" Ivan mostra uma série de figuras trágicas do homem sofrido, assim como o grito de revolta do homem que mata sem saber porque está matando e morre sem saber para que viveu, sobre o objeto ele diz: "Dentro desses objetos procurei dar não o sentido de angústia, tristeza e opressão da nossa época, mas também dar a esperança de novos valores ainda desconhecidos das grandes massas que caminham para a luz, apesar dos opressores. Por estarmos numa época difícil, é preciso lutar com mais ânimo".

Esses objetos as Arcas Brancas, labirínticas, ilusórias, arcas da paz, são na verdade uma grande inovação escultórica. Na escultura, de um modo geral a forma avança para o espaço, apoiada numa superfície. No caso das arcas, a forma penetra, se recolhe, fica como que em repouso, num recolhimento de paz. Como diz ^{ainda} Jayme Maurício:

" Suas grandes arcas de labirintos brancos, ilusionisticamente cemiteriais ".

Rio de Janeiro, Novembro de 1983.

Carli Moore Portella